



I ECPEA
I Encontro Capixaba de Pesquisa em
Educação Ambiental

**TECENDO A REDE:
CONSTRUINDO CONHECIMENTO
E COMPARTILHANDO SABERES**

LOCAL: CEUNES - UFES CAMPUS DE SÃO MATEUS
DATA: 26 A 28 DE SETEMBRO

T11 - Categoria: Relato de experiência

Viveiro comunitário como espaço educador na Vila de Itaúnas - ES

Francinne Poleti & Talita Nogueira

Projeto de Educação Ambiental e Desenvolvimento Social "Nossa Vila"

E-mail: talitaaraujonogueira@gmail.com

1 Introdução

Podemos definir como espaço formal de educação o espaço escolar, que está relacionado às Instituições Escolares da Educação Básica e do Ensino Superior, conforme a Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Apesar da definição de que espaço formal de Educação é a escola, o espaço em si não remete à fundamentação teórica e características metodológicas que embasam um determinado tipo de ensino (JACOBUCCI, 2008). Em contraste com os espaços formais de educação, temos os espaços não-formais, que podem ser espaços institucionais ou não, frutos da atuação da sociedade civil, do Estado ou ambos em parceria.

A educação não-formal organiza o processo de ensino e aprendizagem sem que seja necessário seguir requisitos formais, podendo ser realizada nos mais variados tipos de ambientes, fechados ou ao ar livre, desde que apresente uma dinâmica interativa, participativa, não priorizando a memorização e sim o aprendizado, utilizando-se ferramentas didáticas diversificadas e atrativas.

Nesse



**Anais do I Encontro Capixaba de Pesquisa em Educação Ambiental
Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus
26 a 28 de setembro de 2018**

sentido, ele não aparece para substituir a educação formal, e sim, para complementá-la. Os espaços não-formais devem ser locais prazerosos, que valorizem as emoções, motivações e trocas de experiências com a finalidade da construção coletiva do conhecimento (QUADRA & D'ÁVILA, 2017).

Diante do exposto a experiência aqui relatada teve como objetivo socializar as formas de uso do Viveiro Comunitário da Vila de Itaúnas, como um espaço de educação não-formal.

2 Caminhos Metodológicos

Localizado na Vila de Itaúnas-ES, o Viveiro Comunitário é fruto de um objetivo do Projeto de Educação Ambiental e Desenvolvimento Social – Nossa Vila em parceria com a Prefeitura Municipal de Conceição da Barra. Nele são cultivados exemplares de plantas medicinais, plantas alimentícias não convencionais - PANCs, hortaliças e plantas ornamentais.

O viveiro é mantido por um viveirista contratado, por voluntários da comunidade e aberto ao público diariamente onde acontecem, trocas e doações de mudas e sementes. Uma vez por mês o viveiro recebe alunos do ensino fundamental da Vila de Itaúnas, acompanhados pelas professoras das disciplinas de ciências e geografia, para o desenvolvimento de atividades de Educação Ambiental aliadas aos conteúdos escolares, sendo realizada, assim, uma interface entre a educação formal e a educação não formal.

Duas vezes ao mês um grupo de mulheres também se reúne no viveiro para troca de saberes, experiências e desenvolvimento de plantios. Em encontros que permitem processos educativos por meio de vivências e oficinas relacionadas a plantas medicinais e plantas alimentícias não convencionais, bem como o incentivo a práticas agroecológicas e de manejo sustentável na agricultura.



3 Relato da experiência

Além de um espaço de cultivo, uma das funções do viveiro comunitário se dá enquanto um espaço não formal de educação, proporcionando processos educativos por meio de atividades conceituais e prática, onde os envolvidos atuaram diretamente na construção do conhecimento sobre cultivo, agroecologia, compostagem, entre outros, por meio da troca de saberes e de experiências entre pessoas de faixas etárias distintas. Nesse contexto, destaca-se o curso de viveiristas (figura 1).

Essa construção aconteceu ao longo dos encontros realizados no viveiro através do desenvolvimento de atividades práticas como oficina de secagem de ervas, montagem de composteiras, dinâmica sensorial (figura 2) além do contato direto com a terra por meio dos plantios. Essas atividades possibilitaram o aprendizado pela experiência vivida e o fortalecimento de ações que promovam o envolvimento comunitário de fato, como relata uma das mulheres participante dos encontros realizados no viveiro:

Depois que comecei a participar dos encontros no viveiro, despertou mais o meu interesse e o acesso tanto ao viveiro quanto as plantas. A conversa com as mulheres sobre saúde, cura e alimentação saudável, também foram muito importantes, além da minha relação com a horta onde eu tenho gostado bastante de conhecer a terra e acompanhar o crescimento das plantas (Cecília Marcondes).

Segue abaixo o relato de uma das coordenadoras das atividades desenvolvidas no Viveiro Comunitário:

O Viveiro comunitário de Itaúnas apareceu como espaço educador na vila para contribuir para a formação de cidadãos que busquem no dia-a-dia a construção de sociedades sustentáveis e resgate na qualidade de vida e do bem estar humano. Ele se coloca como alternativa viável para a sustentabilidade, possibilitando o aprendizado vivenciado, dialógico e questionador acerca das temáticas sobre alimentação, medicina e paisagismo abordadas nos encontros de saberes ou nas atividades escolares com as crianças da vila (Francine Poletti).



Figura 1. A - Curso de viveirista no Viveiro Comunitário da Vila de Itaúnas. B = Dinâmica sensorial com alunos do ensino fundamental da EMEF Benônio Falcão de Gouvêa.



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

4 Considerações finais

Acreditamos no potencial do viveiro, como um espaço educador, pois é cada vez mais evidente a necessidade da participação popular em espaços que busquem inverter a lógica do desenvolvimento da degradação ambiental, proporcionando a reflexão crítica sobre os problemas que nos cercam. As atividades desenvolvidas no viveiro estimulam as pessoas a realizarem ações em prol do bem estar coletivo bem como a revisão de valores, práticas, resgates e construção da “cultura do plantar”. Finalmente, percebe-se a importância do viveiro no fortalecimento das relações pessoais, dos laços afetivos, necessário para cativar cada vez mais pessoas dispostas a refletir e agir na direção de um mundo mais justo e equilibrado para todos.

Referências

JACOBUCCI, D.F.C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a Formação da cultura cientProjífica. **Revista em extensão**, Uberlândia, V. 7. 2008.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa.

São



**Anais do I Encontro Capixaba de Pesquisa em Educação Ambiental
Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus
26 a 28 de setembro de 2018**

Paulo. **Editora Paz e Terra**. 1996

QUADRA, G.R. & D'ÁVILA, S. Educação Não-Formal: Qual a sua importância?
Revista Brasileira de Zociências 17(2): 22-27. 2016.



Anais do I Encontro Capixaba de Pesquisa em Educação Ambiental
Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus
26 a 28 de setembro de 2018